

CEO DO IFOOD
DIEGO BARRETO
AUTOR BEST-SELLER

NOVA ECONOMIA

ENTENDA POR QUE O PERFIL EMPREENDEDOR ESTÁ
ENGOLINDO O EMPRESÁRIO TRADICIONAL BRASILEIRO

BÔNUS DE PRÉ-VENDA

EDIÇÃO ATUALIZADA

Gente
editora

1

GLOBALIZAÇÃO E ECONOMIA EM REDE

Na década de 1990, a globalização ainda tinha pouco efeito no Brasil, mas era assunto recorrente nos jornais. Hoje, está começando a revolucionar o país, mas poucos falam dela.

Já faz muitas décadas que a globalização é uma palavra corrente. Também já se pensou muito sobre ela e as consequências desse fenômeno que derrubou as barreiras entre as nações e desenhou um mundo em que integração é a chave. Essa definição inicial, simples, pode esconder o alcance das transformações que daí vieram, varrendo do mapa os valores e as práticas antigas, porque a globalização é uma revolução que se espraia em quase todos os aspectos da nossa vida – da produção de riqueza às escolhas individuais que fazemos.

Ainda na década de 1990, por exemplo, uma viagem à Disney exigia uma complexa operação. A lista começava pelo passaporte: três meses de espera. Depois, outros três meses para obter o visto. Para comprar a passagem, idas e vindas a uma agência de turismo. Bilhete nas mãos, tudo certo? Não. Começava a segunda fase da confusão, com pais sem conseguir falar com os filhos, e eles sem saber o que fazer quando o dinheiro ou o *traveler check**

* O *traveler check*, conhecido como cheque de viagem, era um meio de pagamento utilizado em viagens internacionais. Hoje, ele está em desuso. (N. E.)

acabavam antes da hora. Hoje, é possível conseguir passaporte em um mês, a compra da passagem pode ser feita em uma plataforma digital um dia antes do embarque, as pessoas se falam o tempo todo por WhatsApp, e o cartão de crédito (ou de débito) resolve a questão do dinheiro. Tudo graças à integração financeira, logística e de telecomunicações provocada pela globalização.

A definição do Fundo Monetário Internacional (FMI) explica mais a fundo o conceito.¹⁵

A globalização é um processo histórico, resultado da inovação humana e do progresso tecnológico. Refere-se à crescente integração das economias em todo o mundo, especialmente por meio de fluxos comerciais e financeiros. O termo tornou-se comum desde a década de 1980, refletindo os avanços tecnológicos que tornaram mais fácil e rápido concluir as transações internacionais – tanto os fluxos comerciais como os financeiros. Refere-se a uma extensão além das fronteiras nacionais das forças de mercado que operaram por séculos em todos os níveis da atividade econômica humana [...].

Vamos retomar o percurso que nos trouxe a um dos principais pontos em que estamos. Podemos recuar ao mundo que começou a nascer no fim da Primeira Guerra Mundial (1914-18). O sistema colonial, que sustentou o crescimento das metrópoles europeias durante séculos à custa da riqueza de povos dominados, começou a cair por terra. Pela primeira vez na história moderna, quase todos os Estados nacionais do planeta eram independentes ou estavam em vias de ser. Mesmo que com muitas aspas nessa área, já não era natural um país aportar unilateralmente em outro, carregar os porões das embarcações com tudo o que pudesse lhe interessar e ir embora. Tínhamos, no mínimo, uma relação comercial bilateral.

¹⁵ GLOBALIZATION: A Brief Overview. **Fundo Monetário Internacional**, maio 2008. Disponível em: <https://imf.org/external/np/exr/ib/2008/053008.htm>. Acesso em: 30 jun. 2026.

Ao fim da Segunda Guerra (1939-45), o mapa global já era muito diferente. Os antigos impérios europeus desmoronaram, nações surgiram, e outras foram engolidas na órbita das emergentes superpotências. O próprio redesenho das fronteiras exigiu os novos modelos de organização e integração no que se refere às trocas. Data desse período aquela divisão, há muito tempo superada, dos países entre o primeiro mundo (os industrialmente desenvolvidos), o segundo mundo (os do bloco socialista, de economia planificada) e o terceiro mundo (os subdesenvolvidos ou, eufemisticamente, em desenvolvimento).

Conceitualmente, era uma lógica que emulava a do antigo colonialismo. A história às vezes parece ser entendida assim: incapazes de apreender completamente o novo e o que subterraneamente está acontecendo, adaptamos as ideias antigas que, embora continuem verossímeis, não dão conta de revelar as profundas transformações que apontam para o futuro. Saber ler o presente, de modo a vislumbrar o que virá, é uma virtude rara. E é dela que se alimentam os empreendedores de todas as eras.

Ainda no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, o norte-americano Henry Ford lançou as bases da produção em massa. Na recém-fundada Ford Motor Company (1903), o engenheiro mecânico criou o sistema da montagem em série, racionalizando o processo de trabalho e elevando, por consequência, a eficiência e a produtividade, além de empregar mecanismos de gerenciamento avançados para a época. Daí a formação de trabalhadores especializados, de olho em carreiras promissoras e relativamente estáveis, com relações mediadas por sindicatos e protegidas por legislação do Estado. Olhando por cima, parece que até outro dia o mundo do trabalho se assemelhava a esse sistema. Menos no seu funcionamento, mais no imaginário, o que alimentou os sonhos e as expectativas de nossos pais e avós em relação ao futuro.

Falamos, aqui, do consumo em massa, que se tornaria a face mais visível da antiga lógica econômica, com efeitos sociais e comportamentais profundos. A necessidade de contínuo desenvolvimento tecnológico, a fim de estender a perder de vista a produção racional não só de bens, mas também de serviços, impulsionou os avanços logísticos e de comunicação. Enquanto os automóveis saíam das linhas de montagem da fábrica da Ford

em Detroit, os trabalhadores norte-americanos compravam eletrodomésticos (e depois hambúrgueres) fabricados no mesmo sistema, com o salário assegurado por ele.

Era o *American Way of Life*, ou modo de vida americano, turbinado pela prosperidade econômica do período. A conta parecia fechar com perfeição, com pleno emprego, salários altos e crédito abundante. Também se tornou uma ótima peça de marketing, consolidando a ideia de uma nação predestinada. Até mesmo o medo de um ataque nuclear soviético contra o país era um fator de coesão em torno do modo de vida americano. Parecia tão perfeito que logo foi exportado – ao menos no imaginário – para outros países.

DA GLOBALIZAÇÃO PARA A E-GLOBALIZAÇÃO

Contar essa história, contudo, não é o objetivo deste livro. Ela serve apenas de ilustração para o modo como as transformações econômicas deixam profundas marcas culturais; como moldam as novas visões, que, por sua vez, integram-se ao modelo que lhes dá sustentação. Michael Spence, ganhador do prêmio Nobel de Ciências Econômicas, lembra-se de que, depois da Segunda Guerra Mundial, os líderes dos países desenvolvidos criaram uma ordem internacional que possibilitou a redução parcial das barreiras. Foi plantada, assim, a semente que acabou se transformando em um dos principais alicerces da globalização.¹⁶

Também consequência daquele novo mundo – a meio caminho entre a divisão internacional da produção e a integração dos mercados –, as ciências sociais começaram, lentamente, a deslocar as análises dos Estados nacionais para as interconexões das economias, regidas por códigos culturais e valores que se pretendiam universais, como a democracia liberal. É a era do multilateralismo, cujas faces mais evidentes são o Banco Mundial e o FMI, fundados em 1944 e 1945, respectivamente, e a Organização das Nações Unidas (ONU), criada em 1945. Mas ao lado deles estão os organismos como General Agreement on Tariffs and Trade (GATT), ou Acordo Geral de

¹⁶ SPENCE, M. *The Next Convergence: The Future of Economic Growth in a Multispeed World*. Londres: Picador, 2012.

Tarifas e Comércio, de 1947, antecessor da Organização Mundial do Comércio,^{*} a Organização Europeia para a Cooperação Econômica (1948), a Organização dos Estados Americanos (1948) e muitos outros, instituídos nas décadas que se seguiram.

Ao mesmo tempo, outras fronteiras começaram a balançar. Popular desde o início do século, o rádio ganhou a companhia da televisão nessa mesma época. O primeiro serviço regular de transmissão de TV remonta a 1936,^{**} partindo das torres da British Broadcasting Corporation, a BBC, em Londres; em 1948, nasce em Nova York o braço televisivo da American Broadcasting Company, a ABC. Nesse ínterim, com o desenvolvimento tecnológico e a produção em escala, o preço dos aparelhos começou a cair o suficiente para atrair a crescente classe média em busca de diversão e status.

Na Grã-Bretanha de 1947, estima-se que havia televisores em 15 mil casas; em 1952, esse número batia em 1,4 milhão. E a TV em cores nem tinha chegado. Mundo afora, empresas como Telefunken, GE, RCA e Sony investiam na evolução tecnológica e colhiam o impacto comportamental. Nos anos 1960, a transmissão por satélite jogaria mais lenha na fogueira da integração mundial, dando os primeiros passos da informação em tempo virtualmente real. As distâncias físicas também foram encurtadas: em 1949, decolou da Inglaterra a primeira aeronave civil equipada com motor a jato, abrindo caminho nas nuvens para a multiplicação das rotas comerciais intercontinentais.

No campo das ideias, a revolução também se fez notar. Em 1950, o sociólogo russo naturalizado francês Georges Gurvitch cunhou a expressão “sociedade global”, conceito que visava definir as relações que ultrapassavam os grupos, as classes e os Estados nacionais.¹⁷ Em 1962, no livro

^{*} O GATT nasceu como um acordo e evoluiu para organismo com a criação da Organização Mundial do Comércio (OMC) em 1995. (N. A.)

^{**} A primeira demonstração pública mundial da transmissão de imagens em movimento aconteceu em 1926 e foi destinada a cinquenta cientistas da Academia Britânica, mas o serviço regular de transmissão de TV ocorreu somente dez anos depois, inaugurado pela BBC. (N. A.)

¹⁷ GURVITCH, G. **A vocação atual da sociologia**. São Paulo: Cosmos, 1968. [2 volumes.]

A *galáxia de Gutenberg*, o filósofo canadense Marshall McLuhan teorizou sobre a cultura de uma sociedade eletrônica – no que era, então, a maior revolução tecnológica da história.¹⁸ No horizonte estava o ingresso da civilização ocidental na “nova era tribal” do que ele chamou de “aldeia global”. Aqui e ali, outros pensadores rastrearam os sinais desse novo “sistema mundial” até a publicação, em 1983, do artigo *A globalização dos mercados*, do economista estadunidense Theodore Levitt.¹⁹ Mas não vamos nos adiantar.

Nesse momento, estamos nos ensaios do conceito atual de globalização – um ponto crucial, crítico, dessa história. Se o modelo econômico e de produção entre meados das décadas de 1940 e 1960 parecia se ajustar tão bem a esses movimentos globais, por que ele poderia colapsar, levando junto um estilo de vida? Em primeiro lugar, porque não é raro que os modelos de qualquer espécie, incluindo os econômicos, declinem em razão das próprias virtudes. Quer dizer: no fim das contas, o próprio processo de integração mundial ajudaria a evidenciar os limites de uma economia que começava a ficar velha.

Na sequência dessa breve narrativa, vieram as décadas seguintes e, com elas, novidades. Os anos 1970 viram o preço do barril de petróleo quadruplicar, e a brutal recessão global daí advinda revelou que certas políticas fiscais possuíam efeitos negativos que, durante os anos dourados, tinham permanecido dormentes. A comunicação e o transporte abriram as portas de mercados valiosos e distantes, mas levaram também ao acirramento da competição. Nos Estados Unidos, por exemplo, verificou-se – como se fosse algo repentino – uma clara defasagem tecnológica do país no mercado global.

A mitológica indústria automobilística americana se viu passada para trás com o sucesso dos veículos produzidos pelas modernas fábricas do Japão, então plenamente recuperado da destruição da Segunda Guerra

¹⁸ MCLUHAN, M. *A galáxia de Gutenberg*: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

¹⁹ LEVITT, T. *The Globalization of Markets*. *Harvard Business Review*, maio 1983. Disponível em: <https://hbr.org/1983/05/the-globalization-of-markets>. Acesso em: 30 jun. 2026.

Mundial. Era o “toyotismo” (desenvolvido, naturalmente, na fábrica da Toyota Motor) batendo no fordismo, com a automação extrema das linhas de montagem, estratégias diferenciadas na gestão dos estoques, investimento na qualificação da mão de obra e diversificação dos produtos.

Diante dessa realidade, salário e nível de emprego norte-americanos perderam a força. Os mecanismos de amparo social herdados do keynesianismo – que subsistia nos Estados Unidos depois da Grande Depressão dos anos 1930 e na Europa do pós-guerra – começaram a perder terreno para as políticas mais austeras, aniquilando a sensação geral de prosperidade. Entre os empresários e os trabalhadores americanos, não faltavam manifestações de xenofobia e racismo; entre os políticos e os eleitores, as propostas de bancos de fomento. Na Europa, a situação também não era nada boa, com o desemprego se tornando um problema crônico. Não demorou para que os apelos de levantar as barreiras alfandegárias e instalar as medidas protecionistas fossem ouvidos em alto e bom som.

Mundo afora, os conflitos chocavam com o imaginário das décadas anteriores. A epidemia de golpes militares nas economias periféricas e a irrupção de movimentos sociais e políticos nas nações mais desenvolvidas – globais, muito a propósito – dissolviam a ilusão de estabilidade da era fordista. Em maio de 1968 na França, os protestos pelos direitos civis nos Estados Unidos e os movimentos de contracultura se alastrando eram sinais de uma crise que nascia, em parte, da própria velocidade da informação e da confluência de culturas e nações.

Nos esforços para ajustar a combalida economia global, os investimentos em tecnologia se mostraram imprescindíveis em um cenário de extrema competitividade. Vale o destaque para a indústria eletrônica, que daria um novo e largo passo na tecnologia da informação, peça-chave de uma transformação cujos resultados são atualmente evidentes, algo que seria levado a cabo pelos protagonistas de um sistema hoje chamado de Nova Economia. Ela trouxe não só as estratégias empresariais revolucionárias, mas também uma completa revolução no mundo do trabalho, promovendo um divórcio com o estilo de vida, as expectativas e o imaginário coletivo da era fordista. Estamos chegando lá.

Já dissemos aqui que os modelos acabam muitas vezes sendo derrotados pelas próprias virtudes; é preciso dizer que os novos modelos também

acabam impulsionados por aqueles que os antecederam. Nos anos prósperos da Velha Economia, várias empresas eletrônicas começaram a povoar uma região ao sul de São Francisco, na Califórnia, que viria a ser conhecida como Vale do Silício, polo tecnológico que faria do conhecimento e da informação as *commodities* da vez, com muito valor e até acessadas por quem estava fora desse novo jogo.

O mundo pode ter entrado em uma fase de desglobalização, como resultado dos conflitos comerciais entre os países, o que pode gerar alguma fragmentação das cadeias de valor globais. São conflitos marcados por incertezas, impulsionadas nos últimos anos pela retomada de discursos nacionalistas, de medidas protecionistas e na contramão do multilateralismo. Trata-se de um fenômeno de natureza política e ideológica, que impacta diretamente nos rumos das empresas brasileiras. Retomarei essa discussão adiante. Por ora, importa observar que, apesar dos atritos que esses conflitos geopolíticos criam na economia mundial, os fluxos digitais seguem ampliando a escala global.

Estamos vivendo a *e-globalização*, fase marcada por fluxos crescentes de dados e informações. Nessa nova fase, as pessoas, empresas e governos podem gerenciar os seus movimentos pelo mundo de maneira mais simples e eficiente por meio de plataformas e ferramentas digitais. Em um estudo publicado em 2020, feito com base em uma pesquisa global com mais de quinhentos profissionais da cadeia de suprimentos, 20% deles acreditavam que o fornecimento de suprimentos já se dava predominantemente pelo meio digital, enquanto os 80% restantes esperavam que esse modelo se tornasse predominante em cinco anos.²⁰ Passados cinco anos, outro estudo semelhante trazia percentuais expressivos de adoção de tecnologias nessas cadeias, com 55% desses líderes aumentando seus investimentos em inovação.²¹ Apenas um ano depois, no relatório de 2026, já se desenha um cenário definido por “disrupção implacável não apenas pela adoção de IA

²⁰ ANNUAL Industry Reports. **MHI e Deloitte**, 2020. Disponível em: <https://mhi.org/annual-industry-reports>. Acesso em: 30 jun. 2026.

²¹ ANNUAL Industry Reports. **MHI e Deloitte**, 2025. Disponível em: <https://mhi.org/annual-industry-reports>. Acesso em: 30 jun. 2026.

e automação pelas organizações, mas pela eficácia com que elas escalam e integram essas tecnologias com suas capacidades existentes”.²² Nessa nova realidade, a questão não gira em torno apenas da digitalização, que está dada, mas do potencial das soluções oferecidas pela inteligência artificial na era da e-globalização.

Outro estudo, dessa vez da IBM Institute for Business Value, mostra que cerca de 62% de trezentos líderes de cadeia de suprimentos entrevistados reconhecem que agentes de IA incorporados em fluxos de trabalho operacionais aceleram o tempo de ação, agilizando a tomada de decisão, recomendações e comunicações.²³

O salto passou a ser qualitativo, e não quantitativo. Até então, quando se pensava em IA, o foco era *machine learning*, ou aprendizado de máquina, que teve como desdobramento a inteligência artificial generativa funcionando como um apoio sofisticado às equipes, mas ainda dependendo de supervisão e ajustes constantes dos profissionais. Embora isso tenha aumentado a produtividade, a presença humana continuava indispensável para conduzir e validar os resultados.

Em um curto espaço de tempo, surgiu outro ponto de virada: a possibilidade de substituição de camadas inteiras de execução por *agentic AI*, IA agêntica, que são sistemas autônomos capazes de tomar decisões em nome do usuário sem supervisão constante. Diferentemente dos modelos que apenas davam assistência aos humanos, esse identifica as tarefas que pode realizar sozinho, integra-se aos sistemas complexos, personaliza as rotinas e reprograma os processos. A inteligência artificial deixa de ser uma vantagem competitiva para ser o piso mínimo da operação.

Essa transição, que aconteceu em menos de três anos, muda a lógica de como as empresas devem se organizar de modo tão fundamental como a invenção da eletricidade. As fábricas que simplesmente substituíram o

²² ANNUAL Industry Reports. **MHI e Deloitte**, 2026. Disponível em: <https://mhi.org/annual-industry-reports>. Acesso em: 30 jun. 2026.

²³ SCALING supply chain resilience: agentic AI for autonomous operations. **IBM Institute for Business Value**, [s. d.]. Disponível em: <https://ibm.com/thought-leadership/institute-business-value/en-us/report/supply-chain-ai-automation-oracle>. Acesso em: 30 jun. 2026.

vapor por motores elétricos nos layouts antigos ganharam alguma eficiência e perderam a transformação. As que redesenharam tudo a partir do que a eletricidade tornava possível criaram outro tipo de companhia, porém vamos falar mais sobre os efeitos da IA adiante. Agora, é importante voltar ao ponto em que tudo começou.

O NASCIMENTO DA NOVA ECONOMIA

Naquele início, empresas como a HP, a GE e a IBM já tinham espalhado os galpões industriais austeros pelas cidades que ocupam o vale. Diferentemente dos setores industriais tradicionais, voltados ao consumo, o Vale do Silício nasceu com a vocação da pesquisa, reunindo alguns talentos egressos, em boa parte, da universidade local, Stanford, em Palo Alto, que estimulava essa proximidade com as novas indústrias. Se havia prosperidade para o consumo de bens, havia também dinheiro do orçamento militar para o desenvolvimento de tecnologia – uma herança do período da Segunda Guerra que se estendeu aos anos da Guerra Fria, sob aquele medo geral das ogivas comunistas.

Foi em Palo Alto, por coincidência, que cresceu o físico William Shockley, que, a propósito, tinha trabalhado com pesquisa para o Exército. Anos depois, ele liderou o grupo montado na Bell Telephone Laboratories, em Nova Jersey, que desenvolveu, em 1951, a invenção mais importante da era eletrônica: o transistor, semicondutor sólido feito de germânio ou, melhor, de silício. O componente possibilitou a criação do circuito integrado e do microprocessador, sem os quais não seria possível o computador pessoal, muito menos os smartphones atuais. Isso sem contar as evoluções tecnológicas que levaria para as indústrias e atividades econômicas já tradicionais. Quais? Virtualmente, todas, incluindo as que ainda estavam a caminho. Novas frentes de inovação surgiram nas seguintes áreas: agricultura, medicina, astronomia, defesa, transporte e indústria pesada. Sem o transistor, o homem não chegaria à Lua nem Elon Musk mandaria um carro da Tesla para o espaço sideral. O mundo que nos rodeia hoje seria completamente outro. Nenhuma surpresa, portanto, que em 1956 o trio composto por William Shockley, John Bardeen e Walter Brattain tenha levado o Prêmio Nobel de Física.

Pois foi com essas credenciais que Shockley retornou à Califórnia, onde, em 1956, fundou uma das primeiras startups de tecnologia, a Shockley Semiconductor Laboratory, uma divisão da Beckman Instruments Inc., em Santa Clara Valley. Para isso, pescou oito jovens cientistas e engenheiros pelo país para criar, como ele dizia, uma “linha de montagem composta de PhDs”.²⁴ Foi precisamente a partir desse momento que o empreendedorismo individual começou a desempenhar um papel fundamental na construção da Nova Economia, em que uma boa ideia – e um investidor – são suficientes para iniciar um negócio que pode se tornar maior que, digamos, a Ford.

Não foi esse o caso da Shockley Semiconductor Laboratory, que acabou ruindo por conta do gênio difícil e da inabilidade de gestão de seu fundador. Em 1957, porém, o time de jovens talentosos recrutados por Shockley conseguiu recursos de um investidor, Sherman Fairchild, e, em debandada, criou a Fairchild Semiconductor, em Mountain View. A nova companhia faria um tremendo sucesso com o desenvolvimento igualmente revolucionário do circuito integrado. À frente do time estava o físico Robert Noyce, que, poucos anos depois, seria um dos fundadores da Intel, gigante do segmento de microprocessadores até hoje.

Visionário, Noyce foi responsável por inovações como a gestão horizontal e a informalidade das relações de trabalho. Na nascente cultura empresarial, cargos não conferiam status nem privilégios – vagas de estacionamento, por exemplo –, e talentos reconhecidos não ficavam engessados anos em planos de carreira para chegar ao cargo de CEO. Tampouco havia regras para o uso de paletó e gravata, por exemplo, o que inaugurou uma das marcas das empresas que mais buscaram o Vale do Silício nos anos 1970 e 1980, quando os computadores pessoais começaram a se tornar uma realidade para o mercado e para o PIB norte-americano.

Em 1983, no mesmo ano em que Levitt popularizou o termo “globalização”, a revista *Time* publicou uma extensa reportagem dissecando a já

²⁴ MOORE, G. E. The accidental entrepreneur. **Engineering & Science**, Pasadena, CA, v. 57, n. 3, p. 24, Summer 1994. Disponível em: <https://calteches.library.caltech.edu/3777/1/Moore.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2026.

evidente Nova Economia.²⁵ Chamava atenção, por exemplo, para o fato de uma empresa fundada por dois jovens em uma garagem em Los Altos ter conseguido, em apenas seis anos, evoluir para uma empresa de 4 mil funcionários e com uma receita que colocava, pela primeira vez, uma startup na lista das quinhentas maiores empresas da revista *Fortune*. Eram dois Steve: Jobs e Wozniak. E a empresa se chamava Apple.

Mas a eventual visão romântica que se pode ter hoje diante de histórias assim não esconde os desafios de transição enfrentados nessa era. As turbulências políticas, o desemprego e as dificuldades impostas pelas novas tecnologias à recolocação da antiga mão de obra especializada não garantiram popularidade aos movimentos da globalização. Setores da Velha Economia se queixavam, o brado por medidas protecionistas se multiplicava – e era atendido por diversos governos mundo afora. No esforço de se agarrar ao antigo statu quo, perdiam-se de vista as vantagens competitivas que estavam logo ali, gestadas pelas novas gerações não só no Vale do Silício, mas também em outras partes do mundo.

Apesar das resistências, seria esse empreendedorismo individual, aliado ao capital de risco, que uniria a globalização à Nova Economia. As cadeias de valor antigas, formadas por oligopólios, ganharam outra escala com a integração: deixaram de ser vistas apenas pela ótica da produtividade local para serem inseridas em um movimento de internacionalização. O resultado foi uma nova divisão mundial do trabalho, com a fragmentação dos processos produtivos, agora dispersos geograficamente em cadeias globais de valor. Nesse modelo, nenhum país precisa construir uma base industrial que dê conta da produção de bens em todas as etapas do processo. É assim, por exemplo, que a Apple de hoje conta com centenas de fornecedores espalhados pelo mundo para montar o iPhone... na China. Para a sede em Cupertino, que detém a propriedade intelectual e a marca, ficam reservadas as estratégias de mercado, marketing, design etc.

²⁵ THE New Economy. *Time*, 30 maio 1983. New York, n. 22, v. 121. Disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/0,9263,7601830530,00.html>. Acesso em: 27 jun. 2026.

O avanço das telecomunicações, advindo da rápida disseminação da internet desde os mesmos anos 1980, completou esse gigantesco movimento de integração global. A natureza modular óbvia no setor eletrônico se espalhou para os demais ramos produtivos – da indústria pesada ao setor de serviços. Além de promover mudanças importantes nas relações comerciais multilaterais e no direito internacional, a nova realidade teve como consequência, e isso é fundamental para nós, a diminuição de barreiras de entrada, ampliando os recursos disponíveis para a construção e a execução de novas ideias. O empreendedorismo contemporâneo ganhou, assim, o impulso definitivo com a possibilidade de startups de todas as áreas se inserirem em cadeias globais de valor já existentes, com custos bem menores.

Esse é o aspecto-chave da Nova Economia, que disseminou práticas de gestão modernas capazes de confrontar os poderes tradicionais locais, ainda que em um mundo globalizado esse enfrentamento tenha sido moldado pelas especificidades políticas e culturais locais. Sobre isso, vale a pena nos determos nos conflitos do Brasil com a própria história rumo a um país mais competitivo e com mais oportunidades para quem quer empreender nesse novíssimo cenário mundial, ainda em plena transformação. Mas isso veremos logo mais, em outro capítulo.

Por ora, o ponto em questão é a tríade internet, nuvem e *application programming interface* (APIs).^{*} A soma dos três é que viabiliza negócios exponenciais em termos de capacidade, velocidade, ultraconectividade e custo. A internet abriu o caminho, permitindo o tráfego de dados em uma rede de computadores pelo mundo, trocando dados por meio de um protocolo comum, unindo governos, pessoas, empresas e demais entidades. Com a criação da nuvem (*cloud*), tornou-se possível organizar e escalar infraestrutura de TI, plataformas e softwares de modo muito mais eficiente. Em vez de cada empresa ter o próprio servidor, por exemplo, o armazenamento na nuvem acabou com a necessidade de espaço físico e deu às empresas a flexibilidade – agora elas podem crescer da noite para o dia –, além de proporcionar uma redução de custos, de tempo de implantação

^{*} API, ou interface de programação de aplicativos, são os protocolos que permitem que os diferentes softwares conversem entre si. (N. E.)

e de complexidade de TI. O mesmo raciocínio vale para os bancos de dados. Juntam-se a isso as APIs, intermediários de softwares que estabelecem a comunicação entre duas aplicações. Ou seja, transferem características de um sistema complexo para outro, possibilitando às empresas acessar funções e serviços para transmiti-los sem programar uma estrutura toda nova. O resultado é a ultraconectividade, maior capacidade de armazenamento de dados e transferência de aplicações de maneira robusta – ambiente natural da Nova Economia.

O atual estágio que floresce neste momento tem como foco transferir majoritariamente a informação, e não mais os produtos e os serviços. O amadurecimento completo ainda dependerá de mais um estágio de evolução tecnológica e do ambiente regulatório, algo que acontece aos poucos. Além do Marco Civil da Internet e da LGPD, que mencionamos anteriormente, somam-se, por exemplo, a Lei da Liberdade Econômica (2019), estabelecendo as regras mais claras que podem estimular a competitividade.

Em sintonia com a nova lógica das empresas, são importantes, por exemplo, decisões judiciais como o reconhecimento de que mecanismos como *stock options*, que são os planos de oferta de ações oferecidos pela empresa ao colaborador, têm natureza mercantil, não trabalhista. Com a definição do Superior Tribunal de Justiça em 2024 nesse sentido, planos de distribuição de ações ganharam um grande incentivo, uma vez que eles não possuem mais natureza remuneratória para fins de incidência de Imposto de Renda. Ou seja, os papéis são considerados investimento, não salário, e como tal devem ser tributados como ganho de capital na futura venda de ações. Por fim, nessa luta contra as nossas jabuticabas,* foi fundamental também a aprovação em 2023 da reforma tributária, depois de quatro décadas de discussão. Regulamentada em 2025, ela está atualmente em fase de implementação, em um processo que se estenderá até 2033.

* No Brasil, o termo “jabuticaba” pode ser usado para referenciar leis, privilégios, burocracias e processos jurídicos que são usados apenas aqui, exclusivos ao nosso contexto. (N. E.)

Esse amadurecimento permitirá encontrarmos automaticamente uma rota ótima (e não a mais curta) entre os dois pontos, otimizando o desempenho das redes pelas quais trafega a informação, bem como estarmos seguros de que sempre existirá uma rota possível de ser escolhida. Nesse momento, geografias e fronteiras perdem a relevância de um modo que jamais será revertido. Pense na produção de bens a partir de impressão 3D. Por que você teria fábricas centrais e enormes? Pense no uso de dinheiro em espécie. Por que você teria casas da moeda centrais? Em última instância, basta a informação trafegando, quando no passado eram necessários a existência e o transporte físico do produto. Já vivemos a emergência da economia globalizada em rede.

A revolução está em andamento. A questão é: com o ritmo e a profundidade das mudanças, muita gente ficará pelo caminho.